

- [Eventos](#)
- [Exposições](#)
- [Festival](#)
- [Interior](#)
- [Livros](#)
- [Música](#)
- [Notas](#)
- [Programa-se](#)
- [Rádio](#)
- [Revistas](#)
- [Teatro](#)
- [Viagens](#)



[Home](#) » [1082 \(5 a 11.10.2015\)](#), [Artigo](#), [Opinião](#)

## Bienal de Florença: arte e pólis

Publicado por [carollfts@gmail.com](mailto:carollfts@gmail.com) - Monday, 5 October 2015

**ELZA AJZENBERG**

As bienais internacionais têm proporcionado encontros entre artistas e pesquisadores de várias partes do mundo, motivando reflexões sobre os caminhos da arte contemporânea. Nesse sentido, a Itália é referência para dimensionar emergências estéticas, pontuando a densidade da arte em seu território livre e desafiante.

A Bienal Internacional de Arte Contemporânea, em Florença, na Fortezza da Basso, que ocorrerá entre 17 e 25 de outubro, é uma vertente instigante para interagir com debates artísticos. Somam-se a esta 10ª edição da Bienal as comemorações dos 150 anos de Florença como capital da Itália e a Expo 2015, seguidas de diversas manifestações. A escolha temática desta Bienal – Arte e Pólis – é potencializada quando se pensa em Florença como plataforma e cidade-sede, com seu grande acervo histórico, científico e artístico.

Nesse contexto, pode ser lembrada a pergunta do crítico e historiador da arte Ernst Gombrich: quem fez a Renascença? Pensadores, cientistas e artistas que desencadearam questionamentos, descobertas e elaborados projetos artísticos? Ou o olhar aguçado de Lourenço, o Magnífico? A resposta não é linear nem simples. Provavelmente, só possa ser entendida nas conexões de processos criativos, históricos e visões de seus gestores.

Não se pode perder de vista que os desdobramentos resultantes constituem acervos estudados e admirados até hoje. Nesse sentido, por exemplo, a exposição “Dinheiro e Beleza” (Palácio Strozzi, Florença, 2011) reavalia o período, enfatizando interfaces entre gestões econômicas, projetos, descobertas e obras de arte renascentistas.

O tema da 10ª Bienal é muito oportuno. Entram no debate a complexidade existente nas cidades atuais (infraestrutura, administrações políticas e sociais, tensões e sustentabilidade), que vão muito além de composições formais. Nesse ponto, é importante ter sempre presente que o artista é termômetro de seu próprio tempo. Seus processos criativos são extensões da vida e dialogam com inquietações emergentes.

Arte e Pólis motiva a pensar na trajetória histórica de Florença e na plataforma composta por inúmeros componentes. Alguns recuos, portanto, devem ser lembrados. Os etruscos já estão situados nas colinas ao redor da cidade quando Florença surge como colônia romana em 59 a. C. No século 6 chegam os lombardos e, depois da Idade Média, emerge como cidade-estado independente. No século 13, um ativo comércio de lãs e tecidos, apoiado por poderoso setor bancário, torna a cidade um dos centros mais importantes da Itália. O controle político pertence às guildas e, mais tarde, à República Florentina. Com o tempo, o poder é transferido a famílias importantes – como a dos Médicis. Florença e Toscana têm a liderança dessa família por três séculos.

Nesse período, a cidade é um grande centro artístico e uma das mais cosmopolitas da Europa. Em 1737, a cidade passa ao controle do Império Austríaco e depois, por pouco tempo, de Napoleão. A partir de 1861, com a unificação italiana, Florença passa a integrar o novo Reino da Itália, do qual se torna a capital, por um breve período, entre 1865 e 1871, ano em que Roma volta a ser capital. Hoje essas trajetórias são alvo de pesquisas e referências para novas iniciativas. A Bienal é um importante eixo irradiador desse contexto, dinamizando projetos contemporâneos.

Os irmãos Pasquale e Piero Celona, idealizadores da Bienal de Florença, compõem a presidência e a vice-presidência da instituição. A equipe de excelência é formada por Jacopo Celona, diretor geral, Rolando Bellini, diretor artístico, Lilia Lamas e Angelina Herrera, organizadoras. Todos buscam aperfeiçoar intercâmbios entre instituições, artistas e pesquisadores de diversas partes do mundo. A iniciativa conta com apoio da Unesco e de órgãos governamentais. Várias organizações internacionais, colecionadores, galleristas e gestões dos próprios artistas assinalam a realização da Bienal.

Os participantes chegam de várias partes do mundo. Na edição de 2015, são cerca de 400 artistas, procedentes de 60 países. Trata-se de Bienal versátil e com multiplicidade de linguagens, técnicas e suportes – pintura, desenho, gravura, fotografia, tridimensionais,

instalações, design e vídeos. Experimentações e inúmeros projetos vão ao encontro de tendências da arte contemporânea, aproximando intervenções, ações, apropriações de objetos no espaço expandido. Vivências, o dia a dia das pessoas, desafios e utopias dilatam o território livre do processo criativo e do espaço da Bienal.

Esse universo é acompanhado de conferências, performances e, principalmente, do fervilhar de ideias e intercâmbios. Artistas, representantes de instituições e de mídias debatem as manifestações. A cada edição da Bienal, uma personalidade é premiada por sua carreira artística (na última edição: Anish Kapoor), com o Prêmio Lourenço, o Magnífico.

A densidade desse contexto possibilita acrescentar novas perguntas e perspectivas sobre a pólis contemporânea. Por exemplo: quais conexões podem ser estabelecidas entre arte-cidade e desenvolvimento sustentável? Tensões, intolerâncias e crises econômico-sociais podem encontrar respostas através da sensibilidade estética?

Sem dúvida, a 10ª edição da Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Florença – Arte e Pólis, além das metáforas poéticas e da sedução que sempre provoca, (lembrando Joan Miró: “A arte seduz ou não é arte”), oferece momentos de ousadia e caminhos para minimizar problemas atuais.

Acervo histórico, manifestações e debates proporcionados por ocasião desta Bienal instigam a pensar de modo criativo cidades que necessitam de novos impulsos ou estão mergulhadas em duras e caóticas rotinas. Exemplos criativos não faltam. Projetos sustentáveis de recuperação urbana, de praças, ruas ou margens de rios não preservados que cortam as cidades, podem ser reformulados com a presença da arte ou de obras conjugadas ou criadas indissolivelmente para esses espaços.

Desse modo, artistas e gestores (mais uma vez juntos) podem dinamizar processos estéticos interativos, lúdicos, educativos e de excelência.

**Elza Ajzenberg é professora titular de Estética e História da Arte da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, ex-diretora do Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP (de 2002 a 2006) e coordenadora do Centro Mário Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes da ECA**

## Capa desta edição



## [Edições anteriores](#)

## Editorias

- [Ciência](#)
- [Comunidade](#)
  - [Notas](#)
- [Cultura](#)
- [Edição](#)
  - [1000 \(03 a 09.06.2013\)](#)
  - [1001 \(10 a 16.06.2013\)](#)
  - [1002 \(17 a 23.06.2013\)](#)
  - [1003 \(24 a 30.06.2013\)](#)
  - [1004 \(01 a 07.07.2013\)](#)
  - [1005 \(22 a 28.07.2013\)](#)
  - [1006 \(05 a 11.08.2013\)](#)
  - [1007 \(12 a 18.08.2013\)](#)
  - [1008 \(19 a 25.08.2013\)](#)
  - [1009 \(26 a 01.09.2013\)](#)
  - [1010 \(02 a 08.09.2013\)](#)
  - [1011 \(09 a 15.09.2015\)](#)
  - [1012 \(16 a 22.09.2013\)](#)
  - [1013 \(23 a 29.09.2013\)](#)